

ESSÊNCIA E REPRESENTAÇÃO: FILOSOFIA E RELIGIÃO NA PERSPECTIVA DE AL-FĀRĀBĪ

ESSENCE AND REPRESENTATION: PHILOSOPHY AND RELIGION FROM THE PERSPECTIVE OF AL-FĀRĀBĪ

Maykel Honney Souza Lobo¹

Resumo

Este artigo investiga as funções da filosofia e da religião no modelo de Cidade Virtuosa proposto por al-Fārābī. A análise das diferenças entre o discurso filosófico e o religioso emerge da distinção fundamental entre os dois métodos alternativos para o alcance da verdade: o essencial e o representativo. A religião mostra a felicidade aos cidadãos de forma alegórica e busca torná-los virtuosos transformando o discurso teórico-demonstrativo da filosofia em representações e alegorias, utilizando argumentos dialéticos e retóricos. Neste trabalho, será realizado uma análise acerca da Cidade Virtuosa e do papel desempenhado pela filosofia e pela religião. Serão abordadas questões relacionadas à interação entre esses dois campos do saber, levando em consideração suas influências na governança e na construção da Cidade. Para tanto, faz-se uso de uma pesquisa bibliográfica tendo como base as seguintes obras de al-Fārābī: *Da Política*; *Livro da Religião*; *O livro das Letras*.

Palavras-chave: Al-Fārābī; filosofia; religião; filosofia política

Abstract:

This article investigates the functions of philosophy and religion in the model of the Virtuous City proposed by al-Fārābī. The analysis of the differences between philosophical and religious discourse emerges from the fundamental distinction between the two alternative methods for achieving truth: the essential and the representative. Religion shows happiness to citizens in an allegorical way and seeks to make them virtuous by transforming the theoretical-demonstrative discourse of philosophy into representations and allegories, using dialectical and rhetorical arguments. In this work, an analysis will be made of the Virtuous City and the role played by philosophy and religion. Issues related to the interaction between these two fields of knowledge will be addressed, taking into account their influences on governance and the construction of the City. For this, a bibliographical research is used based on the following works of al-Fārābī: *The Political Writings*; *Book of Religion*; *The Book of the Letters*.

Keywords: Al-Fārābī; philosophy; religion; political philosophy

¹ Mestrando em Filosofia: Filosofia da Linguagem e do Conhecimento - Universidade Federal do Ceará (UFC). Graduado em Licenciatura em Filosofia na Universidade Federal do Ceará (UFC). Foi bolsista de Iniciação Científica (PIBIC-UFC); pesquisador do projeto intitulado: A relação entre Unidade e Multiplicidade: acerca do debate ontológico na filosofia árabe sob a influência da filosofia grega. É membro do Grupo de Estudos em Filosofia Medieval (GEFIM-UFC/CNPq).

Introdução

No processo de desenvolvimento da Filosofia Árabe, conhecida também como *Falsafa*, não havia, antes de al-Fārābī (260 - 339 H / 871 - 950 d.C.), algum pensamento filosófico bem sistematizado. Em virtude disso, considera-se que al-Fārābī é o primeiro filósofo no mundo árabe a desenvolver um sistema filosófico, isto é, a desenvolver uma Filosofia que abrange as diversas grandes áreas do saber filosófico: a Metafísica, a Epistemologia, a Política e a Ética. Conhecido por ter desenvolvido uma metafísica inspirada no aristotelismo e no neoplatonismo², al-Fārābī, na obra *Da Política*, descreve um modelo ontológico emanacionista que se inicia com a descrição do Ser Primeiro, seguida de uma descrição do Universo e, por último, descreve a natureza e a alma humana. A razão desse início metafísico em uma obra política é que, para al-Fārābī, não há uma verdadeira desconexão entre Metafísica e Política. Assim, após a análise ontológica, ele busca descrever qual é o melhor modelo de cidade, seguindo a tese platônica de que a Cidade Ideal é aquela que é governada por um rei-filósofo e, dentro desse contexto, destaca o papel da filosofia e da religião. Nesse sentido, este artigo intenta analisar principalmente a relação entre filosofia e religião a partir da distinção fundamental entre dois métodos alternativos para o alcance da verdade: o método essencial e o método da representação. Para chegar a esse debate, o artigo se inicia com a análise do modelo de Cidade Virtuosa descrito por al-Fārābī.

1 - A Cidade Virtuosa e o lugar da Filosofia

No que concerne à realidade humana e as suas associações, al-Fārābī destaca que o ser humano é naturalmente um ser social. Segundo o filósofo, as associações humanas são necessárias, pois, por meio delas, o ser humano consegue realizar suas funções e se aperfeiçoar. Por conseguinte, se as associações são naturais e necessárias, surge uma questão fundamental: qual seria a melhor forma de associação? Para se pensar nessa questão, é preciso levar em conta os princípios que geram as associações humanas – se, por meio delas, os seres humanos podem sobreviver e se aperfeiçoar, então qual é o melhor modelo de associação para conduzir os cidadãos ao aperfeiçoamento humano?

² Na sua época, o neoplatonismo surge no mundo árabe como uma doutrina filosófica que pertencia ao conjunto das obras aristotélicas. Este fato decorreu da atribuição de algumas obras à autoria de Aristóteles – como é o caso da *Teologia de Aristóteles* e do *Livro das Causas*, a primeira sendo uma paráfrase das *Enéadas* IV, V e VI de Plotino e a segunda sendo uma paráfrase dos *Elementos de Teologia* de Proclo. Para mais informações, cf. Filho, 2002, p. 98.

Para responder esta questão, al-Fārābī se atém à concepção platônica de Cidade Ideal. Na *República*, Platão destaca a necessidade de haver, na Cidade Ideal, um Governante Primeiro que é também filósofo, pois somente um governante de tal natureza seria capaz de governar a cidade de uma forma justa, tornando também seus cidadãos justos. Nas palavras de Platão,

A não ser, prossegui, que os filósofos cheguem a reinar nas cidades ou que os denominados reis e potentados se ponham a filosofar seriamente e em profundidade, vindo a unir-se, por conseguinte, o poder político e a Filosofia, e que sejam afastados à força os indivíduos que se dedicam em separado a cada uma dessas atividades, não poderão cessar, meu caro Glauco, os males das cidades, nem, ainda, segundo penso, os do gênero humano³.

Influenciado pela política platônica, al-Fārābī pensa em um modelo de associação governado pela virtude e pelo saber filosófico. A necessidade do saber filosófico na autoridade máxima da Cidade Virtuosa está associada precisamente com a questão do aperfeiçoamento humano. Na concepção de al-Fārābī, a perfeição humana e a sua felicidade estão associadas ao conhecimento metafísico, isto é, ao conhecer a Causa Primeira, a ordenação do Universo, a ordenação dos seres na estrutura do cosmos, o ser humano pode conhecer o seu papel dentro do universo. Nesse sentido, obter o conhecimento dos Inteligíveis é o mesmo que alcançar a felicidade humana.

De acordo com al-Fārābī, há um duplo movimento que necessariamente deve ser realizado quando se busca alcançar a felicidade absoluta. O primeiro movimento refere-se ao processo de ascensão aos inteligíveis, ocorrendo quando o indivíduo conhece os princípios inteligíveis e compreende o conhecimento metafísico; trata-se, portanto, de um processo epistemológico-ontológico⁴ e, por meio desse processo, o indivíduo alcança a felicidade. Segundo Silva,

Há, em al-Fārābī, um duplo movimento: um movimento ascendente, que está relacionado com a tentativa de conhecer a realidade inteligível; e um descendente, que tem seu fundamento na natureza social do ser humano. O primeiro movimento justifica-se, como foi dito, pelo fato de o sujeito cognoscente se tornar semelhante ao objeto conhecido. Portanto, quanto mais perfeito for o seu objeto de conhecimento, mais próximo à perfeição será seu ser. Diante disso, trata-se de afirmar que a construção do ser (do ponto de vista ontológico) humano, devido à sua natureza racional, se desenvolve conforme

³ Platão, 2000, p. 264 (473d).

⁴ Epistemológico, porque é um processo que ocorre a partir da apreensão dos inteligíveis; ontológico, porque, durante o processo de conhecimento, a natureza do ser que conhece se modifica, assemelhando-se ao ser conhecido. Portanto, o processo de conhecimento da realidade implica, para além da ampliação do conhecimento humano, uma alteração na própria natureza humana, visto que o sujeito cognoscente se aperfeiçoa ao conhecer os seres inteligíveis.

compreende a realidade. Ao unir, então, o que é inteligível em seu ser (faculdade racional) com o que é inteligível no universo, ele poderá atingir o nível do Intelecto Agente, compreender a ordem inteligível, obter o máximo grau de conhecimento que uma realidade misturada com a matéria pode alcançar e, dessa forma, conquistar a felicidade (tradução nossa)⁵.

Todavia, o conhecimento da verdadeira felicidade não é suficiente. É preciso realizar o movimento descendente, isto é, após obter o conhecimento teórico, deve-se colocar o novo saber em prática, transformando os hábitos morais em hábitos virtuosos. Além disso, o governante não deve apenas buscar a virtude para si, mas também deve liderar os cidadãos, conduzindo-os em direção à virtude.

Porém, ao mesmo tempo que entende a si mesmo como um ser que faz parte da realidade inteligível, o indivíduo não abstrai sua natureza social e, conseqüentemente, a necessidade de outros indivíduos que vivem no mesmo grupo obterem a felicidade. Ou seja, ao atingir a perfeição do seu ser, o indivíduo percebe também a sua natureza política – uma vez que possui uma dupla realidade ontológica. Por isso, o movimento descendente é aquele realizado pelo indivíduo que, conhecendo os inteligíveis e sua perfeita ordem e, ainda, reconhecendo-se como um ser político, sublunar, misturado com a matéria, visa fazer da cidade uma estrutura que possa proporcionar a aquisição da perfeição para todos (tradução nossa)⁶.

O processo de ascendência e de descendência assemelha-se ao que narra Platão na sua Alegoria da Caverna. Ao descrever a saída de um dos prisioneiros da caverna, Platão descreve os momentos em que esse prisioneiro passa a conhecer verdadeiramente os objetos e os seres. De início, o prisioneiro teria dificuldades para conhecer e se adaptar ao mundo superior, mas, com o passar do tempo, ele passaria a conhecer os objetos tal como são. Segundo Platão:

⁵ Silva, 2017, p. 530: “Hay, en al-Fārābī, un doble movimiento: uno ascendente, que se relaciona con el intento de conocer la realidad inteligible; y uno descendente, que tiene su fundamento en la naturaleza social del ser humano. El primer movimiento se justifica, como se ha dicho, por el hecho de que el sujeto que conoce se vuelve semejante al objeto conocido. Luego, cuanto más perfecto es su objeto de conocimiento, más próximo a la perfección será su ser. En vista de esto, se trata de afirmar que la construcción del ser (desde el punto de vista ontológico) humano, por su naturaleza racional, se desarrolla conforme comprende la realidad. Uniendo, pues, lo que hay de inteligible en su ser (facultad racional) con lo que hay de inteligible en el universo, él puede alcanzar el nivel del Intelecto Agente, comprender el orden inteligible, obtener el grado máximo del conocimiento que una realidad mezclada con la materia puede lograr y, de esta manera, conquistar la felicidad.”

⁶ *Ibid.*, p. 531: Sin embargo, al mismo tiempo que entiende a sí mismo como un ser que forma parte de la realidad inteligible, el individuo no abstrae su naturaleza social y, por consiguiente, la necesidad de que los demás individuos que viven el mismo grupo obtengan la felicidad. Es decir, alcanzando la perfección de su ser, el individuo percibe, igualmente, su naturaleza política - una vez que posee una doble realidad ontológica. Por esta razón, el movimiento descendente es el realizado por el individuo que, conociendo los inteligibles y su orden perfecto y, además, reconociéndose como ser político, sublunar, mezclado con la materia, objetiva hacer de la ciudad una estructura que pueda proporcionar la adquisición de la perfección por todos.”

Precisaria, creio, habituar-se para poder contemplar o mundo superior. De início, perceberia mais facilmente as sombras; ao depois, as imagens dos homens e dos outros objetos refletidos na água; por último, os objetos e, no rasto deles, o que se encontra no céu e o próprio céu, porém sempre enxergando com mais facilidade durante a noite [...]. De raciocínio em raciocínio, chegaria à conclusão de que o sol é que produz as estações e tudo dirige no espaço visível, e que, de algum modo, é a causa do que ele e seus companheiros estavam habituados a distinguir⁷.

Após compreender o que é a realidade mesma, o movimento de descendência se torna necessário. Assim, segundo a alegoria, o ex-prisioneiro deseja voltar para a caverna e auxiliar os seus antigos companheiros na busca do conhecimento verdadeiro. De modo análogo, o governante primeiro, segundo al-Fārābī, para alcançar verdadeiramente a felicidade, deve ir além do movimento de ascensão, ou seja, deve voltar-se para o campo social, buscando auxiliar os cidadãos no processo de conhecimento da verdade e da felicidade e estimular os hábitos morais virtuosos.

Nesse aspecto, assim como o Universo está estruturado de modo ordenado, a Cidade Virtuosa deveria seguir uma estrutura análoga de ordenação, cuja finalidade é a obtenção da felicidade. Para al-Fārābī, a felicidade é um bem absoluto⁸ e tudo aquilo que é útil para a obtenção da felicidade é igualmente um bem, pois sua utilidade está associada à realização da felicidade. Desse modo, toda ação que não visa a felicidade é, para al-Fārābī, um mal. Trata-se de um mal, pois, se a associação humana não visa a felicidade, então significa que esta associação não está bem ordenada e, conseqüentemente, não atinge o que é fundamental: o aperfeiçoamento humano. Assim, na visão de al-Fārābī, o modelo da Cidade Virtuosa se estrutura da seguinte forma:

As partes da cidade, então, estão vinculadas e coordenadas umas com as outras e estão ordenadas pela anterioridade de uns e a posteriores de outros. É semelhante aos seres naturais e seus graus são semelhantes também aos graus dos seres que começam no Primeiro e finalizam na matéria primeira e nos elementos; sua maneira de estar vinculada e coordenada é semelhante ao modo em que os diversos seres se vinculam e coordenam uns com os outros. Quem governa esta cidade é semelhante à Causa Primeira pela qual existem os demais seres (tradução nossa)⁹.

⁷ Platão, 2000, p. 321 (516a-c).

⁸ Nesse ponto, tem-se uma clara influência do pensamento aristotélico: “A felicidade, portanto, mostra-se como alguma coisa completa e autossuficiente, a finalidade de todas as ações”. Cf. Aristóteles, 2014, p. 58 (1097b20).

⁹ Al-Fārābī, 2008, p. 108: “Las partes de la ciudad, entonces, están vinculadas y coordinadas unas con otras y están ordenadas por la anterioridad de unos y la posterioridad de otros. Es semejante a los seres naturales y sus grados son semejantes también a los grados de los seres que comienzan en el Primero y finalizan en la materia primera y en los elementos; su manera de estar vinculada y coordinada es semejante al modo en

Conforme mencionado acima, a Filosofia desempenha um papel fundamental na construção da Cidade Virtuosa. Por meio do estudo e da reflexão filosófica, o Governante tem a capacidade de adquirir um entendimento mais aprofundado sobre o conceito de felicidade, bem como alcançar a sua própria perfeição como indivíduo virtuoso. A Filosofia proporciona ao Governante uma visão ampliada do mundo, permitindo que ele desenvolva uma compreensão holística e aprofundada da existência humana e das questões éticas e morais que permeiam a sociedade. Por meio dessa reflexão, o governante é capaz de estabelecer princípios e valores fundamentais que guiarão suas ações e decisões em benefício do bem-estar coletivo. Com relação à estruturação da Cidade,

No governo e no serviço, os graus dos habitantes da cidade variam conforme as suas disposições naturais e conforme os padrões com os quais foram educados. O governante primeiro é o que ordena os grupos e a cada homem em cada grupo segundo o grau que merece, isto é, um grau de serviço ou um grau de governo. Haverá, então, graus que estão próximos a seu grau, graus que estão um pouco distantes do seu e graus que estão muito distantes do seu (tradução nossa)¹⁰.

Portanto, o governante desempenha um papel fundamental ao compartilhar seu conhecimento filosófico com os demais cidadãos. Ao transmitir os princípios da felicidade e da virtude, ele possibilita que todos compreendam o verdadeiro significado desses conceitos, permitindo a construção de uma sociedade justa e harmoniosa. Na estrutura de classes, o governante primeiro é aquele que governa sem ser governado; no que diz respeito às classes que são governadas por ele, algumas são governadas e também têm uma participação no ato de governar, enquanto outras são apenas governadas, sem ter nenhum tipo de poder de governança na prática.

Em suma, a filosofia desempenha múltiplos papéis na construção da Cidade Virtuosa. Em primeiro lugar, ela capacita o Governante Primeiro a alcançar a sua própria perfeição como indivíduo virtuoso. Além disso, por meio da compreensão filosófica, o Governante inspira os demais cidadãos a praticar os hábitos virtuosos e promove a compreensão coletiva da verdadeira felicidade. Assim, a Filosofia se torna uma força

que los diversos seres se vinculan y coordinan unos con otros. Quien gobierna esta ciudad es semejante a la Causa Primera por la que existen los demás seres”

¹⁰ Al-Fārābī, 2008, p. 108: “En el gobierno y en el servicio los grados de los habitantes de la ciudad varían según las disposiciones naturales de ellos y según las normas con que han sido educados. El gobernante primero es el que ordena los grupos y a cada hombre en cada grupo según el grado que merece, esto es, un grado de servicio o un grado de gobierno. Habrá, entonces, grados que están próximos a su grado, grados que están poco alejados del suyo y grados que están muy alejados del suyo.”

transformadora e essencial na busca pelo bem comum e no estabelecimento de uma sociedade verdadeiramente virtuosa.

Desse modo, a Cidade Virtuosa, fundada no saber filosófico, é um modelo de cidade que estabelece um tipo de hierarquia entre os cidadãos, conforme o grau de capacidade de conhecimento filosófico de cada um. Ademais, para que esta Cidade possa se tornar virtuosa, é preciso que cada cidadão obtenha o conhecimento metafísico. Nas palavras de al-Fārābī:

Cada um dos habitantes da cidade virtuosa necessita conhecer os princípios últimos dos seres, seus graus, a felicidade, o governo primeiro que tem a cidade virtuosa e os graus de seus governantes; a continuação, [85] as ações determinadas que, uma vez realizadas, levam à felicidade. Porém não devem se limitar apenas a conhecer estas ações, senão que devem ser feitas e os cidadãos devem ser incentivados a fazê-las (tradução nossa)¹¹.

Conforme exposto acima, é possível observar, para além da compreensão teórica do conceito de verdade, a ênfase dada na prática das ações virtuosas: o alcance da felicidade e da virtude não se restringe meramente ao domínio epistemológico, mas abarca igualmente o espectro moral.

Com relação ao papel do Governante, para além da governança da cidade por meio do seu saber filosófico e da transmissão desse saber para os cidadãos da cidade, deve ter a capacidade de guiar os seus cidadãos e isto, para al-Fārābī, torna legítima a posição do Governante da cidade: “os que têm a capacidade para instrução e ensino excelentes são superiores aos que não têm neste gênero faculdade para descobrir” (tradução nossa)¹².

2 - O lugar da Religião na Cidade Virtuosa

Conforme a seção anterior, a função do Governante Primeiro é legitimada por dois elementos principais: o seu conhecimento filosófico e a sua capacidade de transmitir esse conhecimento aos cidadãos. Contudo, al-Fārābī argumenta que nem todo cidadão é capaz de compreender o conhecimento filosófico expresso na linguagem filosófica porque, devido às distintas capacidades naturais dos cidadãos, alguns possuem uma maior

¹¹ Al-Fārābī, 2008, p. 109: “Cada uno de los habitantes de la ciudad virtuosa necesita conocer los principios últimos de los seres, sus grados, la felicidad, el gobierno primero que tiene la ciudad virtuosa y los grados de sus gobernantes; a continuación, las acciones determinadas que, una vez realizadas, llevan a la felicidad. Pero no han de limitarse sólo a conocer estas acciones, sino que deben ser hechas y los ciudadanos deben ser impulsados a hacerlas.”

¹² *Ibid.*, p. 102: “los que tienen capacidad para una excelente instrucción y enseñanza son superiores a quienes no tienen en ese género facultad para descubrir.”

facilidade para compreender a metafísica, enquanto outros não compartilham dessa mesma condição.

Acerca dessas distinções, al-Fārābī afirma que os seres humanos se diferenciam nas suas disposições naturais: os indivíduos diferem em sua habilidade natural para executar determinadas tarefas, sendo que alguns demonstram uma destreza inata mais destacada em comparação a outros ao desempenhar atividades específicas. Na visão do filósofo, essa diferenciação é fundamental para determinar qual função será desempenhada por cada cidadão. As distintas disposições naturais também podem ser percebidas na questão do conhecimento: uns possuem uma maior facilidade para adquirir o conhecimento metafísico, enquanto outros não possuem essa mesma facilidade.

[...] nem todo homem pode por natureza conhecer espontaneamente a felicidade, nem as coisas que deve fazer, senão que para isso necessita de um mestre ou de um guia. Alguns necessitam de pouca instrução, enquanto outros requerem muita. E quando é orientado para estas duas coisas, não fará, sem dúvida, aquilo que conheceu e para o qual foi orientado sem uma motivação externa e algo que o impulse. Assim, são muitos homens. É por isso que precisam de alguém que lhes dê a conhecer tudo isso e que os impulse a fazê-lo (tradução nossa)¹³.

Diante disso, considerando que nem todo cidadão possui a habilidade intrínseca de apreender o conhecimento filosófico por meio da linguagem filosófica, torna-se necessário buscar novas abordagens para a disseminação desse saber. Nesse contexto, surge a necessidade de adaptar o conhecimento filosófico de maneira mais apropriada à realidade dos cidadãos, destacando a importância de desenvolver meios de transmissão que se alinhem eficazmente às capacidades e compreensões individuais.

Para tratar dos novos meios de abordagem, al-Fārābī destaca que há duas possibilidades de se conhecer os princípios dos seres e os seus graus: 1) por meio da compreensão e 2) por meio da imaginação. A primeira via é mais restrita, pois diz respeito ao conhecimento filosófico concebido essencialmente, ou seja, é a compreensão dos princípios metafísicos tal como realmente são. Por estar situado no campo da linguagem filosófica, trata-se de uma forma de conhecimento mais restrita. Em contrapartida, a segunda via, por sua natureza imaginativa, fornece uma forma mais ampla e acessível

¹³ Al-Fārābī, 2008, p. 102: “[...] no todo hombre puede por naturaleza conocer espontáneamente la felicidad ni las cosas que debe hacer, sino que para ello necesita de un maestro y de un guía. Algunos necesitan poca instrucción, mientras que otros requieren mucha. Y cuando es guiado hacia esas cosas, indudablemente ni siquiera hará aquello que ha conocido y hacia lo que ha sido guiado sin una motivación externa y algo que le impulse a ello. Así son muchos hombres. Por eso necesitan que alguien les dé a conocer todo eso y les impulse a hacerlo.”

para o conhecimento, visto que se trata da compreensão do discurso filosófico a partir de um meio indireto: o discurso alegórico. Por ser um discurso de natureza distinta do discurso filosófico, a compreensão dos princípios é prejudicada. O discurso alegórico utiliza-se de imagens e símbolos para representar os princípios da filosofia. Logo, não se trata de um discurso acerca daquilo que é, mas acerca da representação daquilo que é.

Contudo, apesar de não haver uma compreensão essencial dos princípios, tem-se uma compreensão aproximativa desses princípios, isto é, a via da imaginação não demonstra o que é a verdade mesma, mas se aproxima dessa verdade. Para ilustrar a distinção, al-Fārābī destaca o seguinte exemplo:

Isto é semelhante ao que ocorre nas coisas visíveis, como por exemplo o homem: o vemos a ele mesmo, ou vemos uma representação sua, ou vemos sua imagem na água, ou vemos a imagem da sua representação refletida na água ou em outras classes de espelhos. Ver ele mesmo é como o intelecto que concebe os princípios do ser, a felicidade e os demais. Ver o reflexo do homem na água ou vê-lo em representação assemelha-se à imaginação, porque vê-lo em representação ou refletido no espelho é ver aquilo que imita o homem (tradução nossa)¹⁴.

Conforme exposto acima, pode-se chegar à conclusão de que, apesar de haver uma dificuldade de compreensão dos princípios por parte dos cidadãos, estes princípios podem ser compreendidos por meio de representações, metáforas, alegorias e outras formas de imitação. A via da representação, segundo al-Fārābī, possui infinitas formas de representar os princípios verdadeiros. Estes, contudo, são únicos e imutáveis, pois se trata de um saber verdadeiro e, enquanto tal, não poderiam mudar. Assim, apesar das verdades essenciais serem unas e imutáveis, as formas de representá-las por meio das imitações são múltiplas e variadas. Além disso, estas representações podem estar mais próximas ou mais distantes da Verdade, pois depende do modo como a representação é elaborada.

Dentro do contexto das representações, está situado o lugar da religião. Al-Fārābī argumenta que a Religião é uma representação simbólica da verdade, ou seja, a religião imita os princípios da Filosofia, tornando-os mais compreensíveis para a maioria dos cidadãos. Por conseguinte, para atuar como uma imitação da Verdade, a Religião, nesse contexto, precisa estar fundamentada na Filosofia e precisa traduzir o discurso filosófico

¹⁴ Al-Fārābī, 2008, p. 110: “Esto es semejante a lo que ocurre en las cosas visibles, como por ejemplo el hombre: lo vemos a él mismo, o vemos una representación suya, o vemos su imagen en el agua, o vemos la imagen de su representación reflejada en el agua o en otras clases de espejos. Verlo nosotros a él mismo es como concebir el intelecto los principios del ser, la felicidad y lo demás. Ver nosotros al hombre reflejado en el agua o verlo en representación se parece a la imaginación, porque nuestro verlo en representación o reflejado en el espejo es ver aquello que imita al hombre”.

por meio da utilização de imagens, símbolos, persuasão, retórica e a imaginação. A razão da tradução do discurso filosófico é a sua função social. Segundo al-Fārābī,

E se a religião é uma religião humana, há de ser posterior no tempo à filosofia. Já que, em geral, só mediante esta religião se procura instruir o povo nos assuntos teóricos e práticos, que foram descobertos pela filosofia, através de métodos que produzem no público o entendimento destas coisas, mediante a persuasão, a imaginação ou por meio de ambas (tradução nossa)¹⁵.

Em virtude da sua função de instruir, a religião é fundamental para a compreensão da felicidade. Nesse sentido, al-Fārābī vê a Religião como um instrumento político, pois o Governante Primeiro pode utilizá-la a fim de disseminar o conhecimento da verdade e da virtude. Por esse motivo, além de Filósofo-Rei, o Governante também tem de ser um profeta. Excedendo, portanto, a influência platônica, al-Fārābī destaca esta terceira qualidade como um fator essencial para o Governante da cidade, pois a religião atua como um instrumento de persuasão para desenvolver a compreensão do conhecimento filosófico.

Para atingir o conhecimento filosófico em sua essência, o Governante deve alcançar o grau do Intelecto Agente, pois é por meio do Intelecto Agente que se pode compreender os inteligíveis. Na metafísica de al-Fārābī, o Intelecto Agente é um dos princípios emanados do Ser Primeiro. Por intermédio do Intelecto Agente, o ser humano pode transformar o seu ‘intelecto em potência’ em ‘intelecto em ato’, isto é, ao conhecer o Intelecto Agente e se aproximar dele, o ser humano consegue conhecer os inteligíveis. Segundo o filósofo, o Intelecto Agente é uma forma imaterial, separada e é causa da inteligibilidade das formas e da intelecção no ser humano.

A partir da união com o Intelecto Agente, o indivíduo que, logo, se converterá no governante da cidade compreende que a ordem dos seres se configura como uma estrutura ideal, um modelo perfeito para a formação de um organismo político (tradução nossa)¹⁶.

Portanto, no momento em que aquele que alcançou o grau do Intelecto Agente se torna filósofo e passa a governar na Cidade Virtuosa, o seu objetivo, enquanto governante,

¹⁵ Al-Fārābī, 2004, p. 57: “Y si la religión es una religión humana, ha de ser posterior en el tiempo a la filosofía. Ya que, en general, sólo mediante esta religión se procura instruir al pueblo en los asuntos teóricos y prácticos, que han sido descubiertos por la filosofía, a través de métodos que producen en el público el entendimiento de estas cosas, mediante la persuasión, la imaginación o por medio de ambas”.

¹⁶ Silva, 2017, p. 531: “A partir de la unión con el Intelecto Agente, el individuo que, luego, se convertirá en el gobernante de la ciudad comprende que el orden de los seres se configura como una estructura ideal, un modelo perfecto para la formación de un organismo político”.

é atuar transformando os hábitos morais da Cidade, tornando os cidadãos virtuosos e buscando atingir um modelo de Cidade semelhante à estrutura ordenada dos seres inteligíveis.

Quando isso se sucede em ambas as partes da sua faculdade racional, a saber, a teórica e a prática, e igualmente na sua faculdade da imaginação, essa pessoa é quem recebe a revelação, e Deus [...] envia-lhe a revelação através do Intelecto Agente, de forma que o que emana de Deus, [...] para o Intelecto Agente, este emana para o seu intelecto passivo através do intelecto adquirido e depois para a faculdade da imaginação. Esse ser humano torna-se, [...], um sábio, filósofo e pensador prudente, por meio de um intelecto divino, e torna-se, através dessa emanação para a faculdade da imaginação, um profeta que anuncia o que está por vir e informa sobre os particulares atualmente existentes [através de um intelecto divino nele].¹⁷

Retomando a questão da religião, a diversidade presente entre as várias tradições religiosas pode ser atribuída, primordialmente, à multiplicidade de representações possíveis da verdade. Ainda que as religiões possuam características distintas entre si, al-Fārābī argumenta que todas elas são concebidas com o propósito comum de buscar a felicidade. Em outras palavras, a criação e diversificação dessas religiões são orientadas para estabelecer diferentes manifestações da verdade, refletindo assim a variedade de interpretações e expressões que buscam alcançar o objetivo unificador de promover a felicidade.

Pode-se concluir, portanto, que é possível que existam cidades virtuosas com religiões distintas. O filósofo defende que uma Cidade Virtuosa é aquela que se baseia nos princípios da filosofia. Portanto, se a religião é vista meramente como uma ferramenta auxiliar para abordar questões filosóficas, traduzindo-as para uma linguagem simbólica que facilite a compreensão da verdade pelos cidadãos, então a coexistência de várias religiões verdadeiras, ou seja, religiões que se fundamentam na filosofia demonstrativa, é inteiramente plausível.

[...] pode haver nações e cidades virtuosas cujas religiões sejam diferentes, embora todas elas caminhem em direção a uma mesma felicidade. A religião consiste nas impressões dessas coisas ou nas impressões de suas imagens nas almas. Como é difícil para as pessoas comuns compreenderem essas coisas como elas são, deve-se fazer uma tentativa de torná-las conhecidas por outros meios, e isso é a imitação. Estas coisas, então, devem ser imitadas por cada grupo ou nação através daquelas coisas que lhes são mais conhecidas (tradução nossa)¹⁸.

¹⁷ Al-Fārābī, 2018, p. 160.

¹⁸ Al-Fārābī, 2008, p. 110: “[...] puede haber naciones y ciudades virtuosas cuyas religiones sean diferentes, aunque todas ellas se encaminen hacia una y la misma felicidad. La religión consiste en las impresiones de

Consequentemente, pode-se depreender que o fenômeno religioso é uma pauta secundária com relação à constituição da Cidade Virtuosa. Na visão do filósofo, não há um tipo específico de religião para o desenvolvimento da Cidade Virtuosa. Atuando como instrumento político, o objetivo principal da elaboração de uma religião dentro de um regime virtuoso é o seu uso político, ou seja, a sua capacidade de persuadir os cidadãos a assentirem aos princípios filosóficos a partir de uma linguagem não-filosófica. Nas palavras de Farjeat e Gutiérrez:

O governante virtuoso, portanto, deve ter a capacidade filosófica de traduzir a verdade obtida por meio de demonstrações, em símbolos e imagens para transmiti-las aos cidadãos. Em vários lugares, mas especialmente no Livro das Letras, al-Fārābī mantém a superioridade das demonstrações filosóficas. Aqueles que concordam com a verdade através dos símbolos e imagens da religião acedem-na de modo indireto, ao contrário daqueles que têm a capacidade de alcançá-la através de argumentos demonstrativos. E al-Fārābī vai ainda mais longe ao afirmar que a religião está subordinada à filosofia. Para que uma religião seja verdadeira, ela deve depender de uma filosofia perfeita, isto é, demonstrativa (tradução nossa)¹⁹.

A Filosofia, no que concerne à verdade, está acima da Religião. Logo, a Religião está subordinada à Filosofia, sendo responsável pelo processo de tradução das demonstrações filosóficas em símbolos e imagens. Se uma religião se baseia numa filosofia falsa, isto é, uma filosofia baseada em argumentos retóricos, sofísticos ou em opiniões duvidosas, essa religião será imperfeita ou mesmo falsa. Assim, a religião aparece apenas de duas formas: baseada numa filosofia demonstrativa e verdadeira, ou baseada numa filosofia falsa. Segundo al-Fārābī:

Porque a religião só aparece das duas formas que temos descrito: depois da filosofia, ou depois de uma filosofia apodíctica, que é a que está na verdade, ou

estas cosas o en las impresiones de sus imágenes en las almas. Puesto que es difícil que la gente vulgar comprenda estas cosas mismas tal como son, se ha de intentar dárselas a conocer por otro medio y éste es la imitación. Estas cosas, pues, han de ser imitadas para cada grupo o nación por medio de aquellas cosas que sean más conocidas por ellos”.

¹⁹ Farjeat; Gutiérrez, 2023, p. 329: “El gobernante virtuoso, pues, debe tener la capacidad filosófica para traducir la verdad obtenida a través de demostraciones, a símbolos e imágenes para transmitirlas a los ciudadanos. En varios lugares, pero en especial en El libro de las letras, al-Fārābī sostiene la superioridad de las demostraciones filosóficas. Quienes asienten a la verdad a través de los símbolos y las imágenes de la religión, acceden a ella de manera indirecta, a diferencia de quienes tienen la capacidad de llegar a ella a través de argumentos demostrativos. Y al-Fārābī va todavía más lejos al sostener que la religión está subordinada a la filosofía. Para que una religión sea verdadera, ha de depender de una filosofía perfecta, es decir, demostrativa”.

depois de uma filosofia duvidosa, que se toma por filosofia, porém que é uma filosofia distinta da filosofia que está na verdade (tradução nossa)²⁰.

Na parte primeira do livro *De la Política*, quando al-Fārābī destaca os seis princípios dos seres – os princípios que constituem os corpos e os acidentes presentes nos corpos –, é possível observar a presença de alguns elementos próprios do fenômeno religioso. Primeiramente, ao descrever a Causa Primeira, al-Fārābī destaca o elemento da crença: “o Primeiro é aquele que se deve crer que é Deus e a causa próxima da existência das causas segundas e do intelecto agente” (tradução nossa)²¹.

Conforme exposto acima, al-Fārābī não afirma o Primeiro como Deus, mas como aquele que deve ser creditado como Deus. Logo, não há uma igualdade absoluta entre o Ser Primeiro – princípio próprio da filosofia demonstrativa – e Deus, há uma crença. O nome “Deus”, portanto, se configura como um símbolo religioso utilizado para representar aquele princípio filosófico e, enquanto representação, não é idêntico ao Primeiro, mas se aproxima dele.

Com relação aos outros princípios, é possível observar a utilização de termos religiosos para falar acerca de conceitos filosóficos. As Causas Segundas, por exemplo, são denominadas da seguinte maneira: “As causas segundas são aquelas das quais se deve dizer que são os 'seres espirituais', os 'anjos' e outros termos semelhantes” (tradução nossa)²². O Filósofo também denomina o intelecto agente a partir de termos religiosos: “O intelecto agente é aquele do qual se deve dizer que é o 'Espírito Fiel', o 'Espírito Santo' e outros nomes semelhantes” (tradução nossa)²³.

A partir das citações acima, pode-se concluir que o filósofo compreende que as imagens, os símbolos e as crenças presentes na religião são traduções dos conceitos filosóficos. Logo, pode-se admitir que, para cada tipo de ser e para cada tipo de princípio, há um termo religioso que o representa. Desse modo, é possível determinar que a filosofia está acima da religião no que diz respeito à verdade, sendo a religião apenas um meio de tradução das verdades filosóficas.

²⁰ Al-Fārābī, 2004, p. 90: “Porque la religión sólo aparece de las dos formas que hemos descrito después de la filosofía, bien después de una filosofía apodíctica, que es la que está en la verdad, bien tras la filosofía dudosa, que se toma por filosofía, pero que es una filosofía distinta a la filosofía que está en la verdad.”

²¹ Al-Fārābī, 2008, p. 54: “El Primero es aquel del que se debe creer que es Dios y la causa próxima de la existencia de las causas segundas y del intelecto agente”.

²² *Ibid.*, p. 54: “Las causas segundas son aquellas de las que debe decirse que son los "seres espirituales", los "ángeles" y otros términos semejantes”.

²³ *Ibid.*, p. 55: “El intelecto agente es aquel del que debe decirse que es el "Espíritu Fiel", el "Espíritu Santo" y otros nombres semejantes”.

Em *O Livro das Letras*, al-Fārābī destaca o problema que decorre da incompreensão do fenómeno religioso como ferramenta auxiliar da filosofia. Segundo o filósofo, aqueles que não compreendem a religião dessa forma, acabam tornando-a algo absoluto e verdadeiro por si mesmo. Esse problema decorre, principalmente, do surgimento de uma religião a partir de uma filosofia enganosa. Por se tratar de uma religião desenvolvida a partir de uma filosofia imperfeita, o conjunto de crenças, imagens e símbolos religiosos contém em si imperfeições.

E se depois disso for criada uma religião subordinada a esta filosofia, nela aparecerá uma infinidade de opiniões falsas. E se muitas dessas ideias falsas forem adotadas e seus exemplos forem atribuídos à categoria de ensinamentos religiosos naquilo que é difícil de conceber pelo povo, esta religião estará muito distante da verdade e será uma religião falsa, porém essa falsidade não seria notada (tradução nossa)²⁴.

Conforme exposto acima, dificilmente seria possível perceber a falsidade da religião criada. A dificuldade em compreender a razão da falsidade da religião decorre da compreensão dela como algo verdadeiro e absoluto por parte dos que creem nela. Essa interpretação religiosa pode entrar em conflitos com a filosofia. Al-Fārābī argumenta que a filosofia apodítica, se entrasse em contato com uma nação fundada em uma falsa religião, seria totalmente contrária aos princípios que fundam essa nação:

Mas se a religião for posterior a uma falsa filosofia e uma filosofia correta e demonstrativa for posteriormente transmitida a essa nação, a filosofia se oporá a essa religião em todos os sentidos, e a religião se oporá completamente à filosofia. Pois bem, cada um dos dois desejará a abolição do outro e aquele que sair vitorioso e se consolidar entre os habitantes, revogará o outro e governará aquela nação (tradução nossa)²⁵.

Assim, quando uma religião está fundamentada em uma falsa filosofia e compreende esse conteúdo filosófico falso como sendo verdadeiro, ela entra em conflito com os princípios de uma filosofia demonstrativa. Consequentemente, uma nação fundada em uma religião imperfeita – religião que não está fundamentada na filosofia

²⁴ Al-Fārābī, 2004, p. 89: “Y si después de esto se crea una religión subordinada a esta filosofía, aparecerán en ella una multitud de opiniones falsas. Y si se toman muchas de estas ideas falsas, y a sus ejemplos se les da la categoría de enseñanzas religiosas en aquello que es difícil de concebir por el pueblo, esta religión estará muy alejada de la verdad y será una religión falsa, pero esta falsedad no sería advertida”.

²⁵ *Ibid.*, p. 92: “Pero si la religión es posterior a una filosofía falsa y después se transmite a esa nación una filosofía correcta y demostrativa, la filosofía será opuesta a esa religión en todos los sentidos, y la religión se opondrá completamente a la filosofía. Pues cada una de las dos anhelará la abolição de la otra y cualquiera de las dos que resulte victoriosa y se consolide entre los habitantes, derogará a la otra y gobernará esa nación”.

demonstrativa – necessariamente é uma nação incapaz de alcançar o aperfeiçoamento humano, a felicidade e a virtude.

Com relação às cidades que não alcançam a felicidade, al-Fārābī descreve algumas delas como cidades que estão fundamentadas na ignorância. Por serem associações fundadas em uma falsa religião, não sabem o que é a verdade e a felicidade, mas supõem que há verdade na religião instituída: “As cidades da ignorância e as cidades que se perderam apenas têm origem quando a religião deriva de algumas opiniões antigas corruptas”²⁶.

A existência de uma religião falsa dentro de uma nação não apenas atua como um obstáculo para a construção da virtude e da felicidade, mas também, por conseguinte, obstrui a edificação da cidade virtuosa. Nesse cenário, para o filósofo, ela usurpa o espaço que deveria ser ocupado pela filosofia.

Conclusão

A Filosofia possui um papel fundamental dentro da Cidade Virtuosa, pois é por meio dela que o Rei-Filósofo-Profeta pode compreender o que é a verdade, a virtude e a felicidade. Para além de obter a compreensão para si, este Governante deve guiar os cidadãos em direção a essa mesma felicidade, o que inclui proporcionar instrução filosófica para a população da Cidade. Contudo, segundo al-Fārābī, nem todos possuem a capacidade de compreender a Filosofia por si mesma, não conseguindo, portanto, alcançar o grau do Intelecto Agente. Nesse sentido, a Religião é utilizada como um meio para tornar o discurso filosófico mais aceitável para aqueles que não o compreendem. Para transformar o discurso, a Religião se utiliza de símbolos, de representações, de imagens, da retórica e da persuasão para instruir o povo. Por conseguinte, a Religião não se encontra no mesmo âmbito da verdade filosófica, visto que esse âmbito pertence à Filosofia, mas no âmbito da verdade simbólica. Nesse sentido, a verdade pode ser compreendida em diferentes graus: por meio das demonstrações filosóficas, compreende-se a verdade tal como ela é; por meio dos discursos representativos, a verdade é entendida de uma maneira simbólica e aproximada.

Além disso, a criação das religiões pode emergir de duas vertentes distintas: 1) oriunda de uma filosofia demonstrativa, baseada em princípios demonstráveis; ou 2) originada de uma filosofia enganosa. No segundo cenário, essa religião passa a ser

²⁶ Al-Fārābī, 2018, p. 181.

interpretada como uma verdade absoluta, dando origem a associações fundamentadas na ignorância. Essas associações, ao se desenvolverem a partir dessa interpretação, tornam-se incapazes de capturar a verdade essencial e a felicidade absoluta.

Referências

AL-FĀRĀBĪ. *El Libro de las Letras*. Trad. Introd. e not. De José Antonio Paredes Gandía. Madrid: Trotta, 2004.

_____. *A Cidade Virtuosa*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2018.

_____. De la política. In: *Obras filosóficas y políticas*. Madrid: Editorial Trotta, 2008.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Tradução, textos adicionais e notas de Edson Bini. 4 ed. São Paulo: Edipro, 2014.

LÓPEZ FARJEAT, L. X.; GANEM GUTIÉRREZ, J. A. Religión y territorio en la filosofía política de al-Fārābī. *Estudios de Asia y África*, [S. l.], v. 58, n. 2, p. 315–342, 2023.

FILHO, M. A. *Falsafa: a filosofia entre os árabes: uma herança esquecida*. São Paulo: Palas Athenas, 2002.

PLATÃO. *A República*. 3ed. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: EDUFPA, 2000.

GUERRERO, R. El Intelecto Agente en al-Fārābī. Un comentario a su Epístola sobre el Intelecto. *Revista Española de Filosofía Medieval*, Madrid: nº. 9, p. 19-31, 2002.

SILVA, G. La ontologia como fundamento de la política en al Farabi. *Homo, Natura, Mundus: Human Beings and Their Relationships: Proceedings of the XIV International Congress of the S.I.E.P.M.*, Porto Alegre, Julho 24-28, p. 525 - 534, 2017.

Recebido em: 20/02/2024.

Aprovado em: 05/06/2024.